



Dilemas contemporâneos da diversidade cultural no cinema: análise dos filmes

***Babel e Crash*¹**

Mariana Medrano RIBEIRO²

Maria Cristina Leite PEIXOTO³

Centro Universitário de Belo Horizonte – Uni-BH

RESUMO

A globalização, vista como um produto da modernidade, intensificou a aproximação de indivíduos de diversas localidades e culturas ao redor do mundo. Essa aproximação, que se intensifica a cada dia, revela um cenário multicultural e coloca questões a respeito das implicações desse processo. Dentre elas, está o fato de que o encontro de culturas distintas, diferentemente das previsões mais otimistas a respeito da convivência multicultural, acaba por gerar conflitos. O cinema, meio privilegiado para se pensar sobre aspectos da cultura e da sociedade, tem explorado crescentemente essa temática em suas produções. Os filmes *Babel* (2006) e *Crash* (2004), analisados neste artigo, são exemplos emblemáticos do tratamento cinematográfico das questões ligadas ao convívio entre culturas distintas.

PALAVRAS-CHAVE: Globalização; cultura; interculturalidade; conflitos; narrativa cinematográfica.

INTRODUÇÃO

As interações mundiais intensificaram-se a partir do fenômeno conhecido como globalização. Estreitando a relação entre pessoas pertencentes a culturas diversas, a globalização construiu uma nova dimensão de distância para muitos indivíduos em todo o planeta. Essa aproximação de indivíduos de culturas tão diversas, que se intensifica a cada dia, revela um cenário multicultural alimentado pelo encontro de pessoas pertencentes a diferentes classes, gêneros, sexualidade, etnias e nacionalidades. No entanto, essa pluralidade acaba por gerar conflitos, já que o efeito “globalizante” não garante que haja tolerância e aceitação da diversidade.

¹Trabalho apresentado no IJ 07 – Comunicação, Espaço e Cidadania do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste realizado de 12 a 14 de maio de 2011.

² Estudante do 8º. Semestre do Curso de Jornalismo do Centro Universitário de Belo Horizonte (Uni-BH), email: mariana.medrano@gmail.com

³ Orientadora do trabalho. Doutora em Sociologia (UFRJ, 2006). Professora do Curso de Jornalismo do Centro Universitário de Belo Horizonte (Uni-BH), email: mcrislep@yahoo.com.br



O cinema, fenômeno de massa, representa os aspectos da vida moderna e trabalha com questões importantes do cotidiano. Aspectos como cultura, modernidade e globalização são temas centrais nessa análise da representação da diversidade cultural no cinema. Presentes na vida de cada uma das pessoas espalhadas pelos cinco continentes do planeta, os temas são profundamente explorados nos filmes escolhidos como objeto empírico dessa análise: *Babel* (EUA, 2006), dirigido pelo mexicano Alejandro González Iñárritu, com roteiro de Guillermo Arriaga, e *Crash – No limite* (EUA, 2004), dirigido pelo canadense Paul Haggis, com roteiro de Bob Moresco.

Babel aborda quatro histórias que envolvem diferentes pessoas em três continentes, mas que estão conectadas por um único acontecimento. No Marrocos, um casal de turistas americanos, Susan e Richard Jones (Cate Blanchett e Brad Pitt), viaja até o país com o objetivo de resolver seus problemas de relacionamento. Eles conversam em um restaurante típico do local e Susan reclama da comida e das condições de higiene do estabelecimento; ao mesmo tempo, Abdullah Adboum (Mustapha Rachidi), um pastor de cabras da região, compra um rifle e dá aos seus filhos Ahmed (Said Tarchani) e Yussef (Boubker Ait El Caid) para que eles possam espantar os chacais das proximidades do seu rebanho. Testando o alcance das munições, Yussef (Boubker Ait El Caid), um dos irmãos, mira em um ônibus que passa pela estrada e dispara a arma. Dentro do ônibus estão Richard e Susan, que é atingida pelo tiro.

A partir de então, a vida de várias pessoas ao redor do mundo é afetada pela conexão com o acidente. Dentre as histórias centrais, além do casal americano e da família dos meninos marroquinos, está a da babá mexicana Amélia (Adriana Barraza) que cuida dos filhos de Richard e Susan, Mike (Nathan Gamble) e Debbie (Elle Fanning), o sobrinho de Amélia, Santiago (Gael Garcia Bernal) e Chieko (Rinko Kikuchi), uma garota japonesa surda-muda que tem dificuldade em se relacionar com o pai, Yasujiro Wataya (Kôji Yakusho), e se sente solitária e triste em seu país.

A cidade de Los Angeles, onde vivem pessoas de todos os lugares do mundo, é o cenário de *Crash – No limite*. Apesar de não haver fronteiras físicas dividindo os moradores da cidade, obrigados a travar contatos entre si diariamente, eles mantêm distanciamento uns dos outros, principalmente pelo preconceito. A ocorrência de conflitos entre pessoas que vivem juntas e separadas ao mesmo tempo é intensa. Assim,



várias histórias se entrelaçam no período de dois dias e conectam pessoas de diferentes línguas e nacionalidades, que se comportam e vivem de maneiras distintas. Na narrativa, que ocorre de maneira fragmentada, não há um personagem central, ou um acontecimento, que ligue todos a um só núcleo.

Dentre as diferentes pessoas que se cruzam ao longo da trama estão: o detetive negro Graham Waters (Don Cheadle) e sua parceira latina Ria (Jennifer Esposito), que se envolvem em uma batida de carro no início do filme com a coreana Kim Lee (Alexis Rhee). O irmão de Graham, Peter Waters (Larenz Tate), que rouba carros junto com o amigo Anthony (Chris 'Ludacris' Bridges) – ambos negros – que acredita ser alvo de preconceito todo o tempo e, em uma fuga, atropela o coreano Choi Jin Gui (Greg Jung Paik). O promotor público branco, de classe alta, Rick Cabot (Brendan Fraser) e a esposa neurótica e mimada Jean (Sandra Bullock). O policial branco veterano e racista John Ryan (Matt Dillon) que cuida do pai doente. O parceiro mais jovem de Ryan, Tommy (Ryan Phillippe) que desaprova as ações do colega por ser correto e idealista. O diretor de TV Cameron Thayer (Terrence Howard) e a esposa Christine (Thandie Newton), negros e vítimas do policial racista. O imigrante persa Farhad (Shaun Toub), pai de Dorri (Bahar Soomekh) e dono de uma loja, onde o chaveiro de origem latina Daniel (Michael Peña) faz um atendimento que causará, mais tarde, um conflito entre os dois homens.

Diversidade cultural em *Babel* e *Crash*: os limites da tolerância

Indicado ao Oscar 2007 de melhor filme, direção (Alejandro González Iñárritu), montagem (Douglas Crise e Stephen Mirrione), atriz coadjuvante (para a mexicana Adriana Barraza e a japonesa Rinko Kikuchi) e roteiro original (Guillermo Arriaga), *Babel* ganhou o prêmio de melhor trilha musical (Gustavo Santaolalla). Já no festival de Cannes, o filme teve maior prestígio, recebendo os prêmios do júri ecumênico, técnica e melhor diretor. No Globo de Ouro, ganhou como melhor filme. Em escala global *Babel* arrecadou 135 milhões e trezentos mil dólares. No Brasil, o lucro de bilheteria ficou em cerca de 2 milhões e setecentos mil dólares⁴.

⁴ Fonte: Site Box Office Mojo. <http://boxofficemojo.com/movies/?id=babel.htm> Acesso em 09 nov. 2010



O custo da produção de *Babel* foi grandioso, chegando a 25 milhões de dólares. O filme foi rodado em três continentes e com personagens que falavam cinco idiomas diferentes. A diversidade explorada no filme, que foi mais compreendida fora dos Estados Unidos, fez *Babel* concorrer a prêmios no Japão, Brasil, França, Espanha, Itália, Suécia, Irlanda e Dinamarca.

No Oscar de 2006, *Crash – No limite* ganhou o prêmio de melhor filme. O longa-metragem também ganhou por melhor roteiro original (Paul Haggis – roteiro e história – e Robert Moresco – roteiro) e melhor montagem (Hughes Winborne). Sucesso nos Estados Unidos, o filme conseguiu faturar cerca de 54 milhões e meio de dólares. No Brasil, o total arrecadado foi de, aproximadamente, 1 milhão e quatrocentos mil dólares⁵.

Em meio a conturbadas situações do cotidiano, os habitantes da capital da Califórnia, nos Estados Unidos, não conseguem se relacionar de outra maneira, a não ser de forma truculenta e ofensiva. É a partir desse fato que as histórias dos personagens de *Crash* (2004) são construídas. O filme é conduzido com tramas paralelas que num determinado momento se cruzam.

O longa-metragem foi concebido em um momento em que os Estados Unidos passavam por fortes conflitos étnicos, após os atentados de 11 de setembro⁶ e conta a história de moradores de Los Angeles. A cidade pode ser vista como um microcosmo representativo da contemporaneidade, que concentra pessoas de vários lugares do mundo, com línguas, hábitos, valores e culturas distintas umas das outras. Grande parte dos imigrantes dos EUA, principalmente os de origem latina, mais especificamente do México – devido à proximidade com a fronteira México/Estados Unidos – compõe a população de Los Angeles.

⁵ Fonte: Site Box Office Mojo. <http://boxofficemojo.com/movies/?page=main&id=crash05.htm> Acesso em 09 nov. 2010

⁶ Durante o governo de George W. Bush, no dia 11 de setembro de 2001, dois símbolos do poder norte-americano foram alvos de ataques terroristas coordenados pela Al-Qaeda (Organização Fundamentalista Islâmica Internacional): o Pentágono (Sede do Departamento de Defesa dos Estados Unidos), na Virgínia, e as Torres Gêmeas do World Trade Center (complexo de edifícios com escritórios que tratavam de economia e finanças), em Nova Iorque. Como consequência, os EUA ficaram em estado de alerta e uma onda de insegurança invadiu não só o país, mas todo o mundo.



Como afirma Canclini (2009), LA é a segunda maior cidade mexicana do mundo. Por se tratar de uma capital economicamente desenvolvida, os imigrantes chegam em busca de melhores condições de vida. A revista *The Economist* (set. 2010) destaca que o cenário político americano está sob crescente influência dos imigrantes, tanto eleitores como os próprios políticos. O atual prefeito de Los Angeles, Antonio Villaraigosa é filho de um imigrante mexicano.

Em *Babel*, Susan que passa férias com o marido Richard no Marrocos não entende porque está lá. Ela olha a sua volta e desconfia de tudo, até da procedência do gelo que é servido no local. A postura de Susan mostra como os valores e a cultura ocidental são assumidos pelos seus portadores de modo etnocêntrico. (Eagleton, 2005). Segundo Featherstone (1995) e Huntington (1996), esse estranhamento é motivado pela posição dominante do Ocidente, representado pelos EUA, no processo de globalização, causa de conflitos frequentes entre Estados Unidos e Oriente Médio, por exemplo.

Esse conflito entre Oriente e Ocidente também é visto em *Crash*. Os ataques terroristas feitos aos EUA fizeram com que a população norte-americana se comportasse de maneira cada vez mais hostil com os estrangeiros. No filme, uma alusão ao pavor causado pelos atentados de 11 de setembro acontece na cena em que o imigrante persa Farhad tem sua loja invadida e depredada. Os vândalos picham as paredes com dizeres ofensivos e os chamam genericamente de “árabes”. Outra cena é quando Farhad vai até uma loja de armas com sua filha Dorri e discute com o vendedor norte-americano e branco, que o chama de Osama, em menção a Osama Bin Laden, acusado pelos ataques terroristas.

Extrapolando o âmbito local, *Babel* (2006) apresenta histórias que dizem respeito a pessoas comuns espalhadas em diferentes locais e culturas no mundo⁷. No filme, a partir de um trágico acidente envolvendo um casal norte-americano no Marrocos, a vida de diferentes pessoas da África, América e Ásia é afetada. O filme aborda como a ação de

⁷ O título faz menção à história bíblica do antigo testamento, segundo a qual Babel foi uma torre construída na Babilônia pelos descendentes de Noé, com a intenção de eternizar seus nomes. O objetivo era fazê-la tão alta de modo que chegasse ao céu. Esta soberba provocou a ira de Deus que, para castigá-los, confundiu-lhes as línguas e os espalhou pela Terra.



um ser humano, no mundo globalizado, pode se transformar em uma avalanche que tem o poder de afetar alguém que está em outro canto do mundo.

Babel é o último filme de uma trilogia de Iñárritu sobre o mundo em que vivemos e as interconexões socioculturais nele estabelecidas. O primeiro, *Amores Brutos* (*Amores Perros*, México, 2000), conecta as histórias dos personagens da trama, dessa vez em âmbito local, a partir de um acidente de carro no início do filme. *21 gramas* (*21 Grams*, EUA, 2003) explora de forma mais intensa o estilo fragmentado das narrativas da trilogia construídas pelo roteirista Arriaga, abordando histórias que se interligam a partir de um acidente.

Na lógica da narrativa fragmentada, que liga histórias completamente diferentes a um único fato, as vidas de Amélia, dos filhos de Susan e Richard, de Santiago, de Chieko, de Ahmed e Yussef estão conectadas ao que ocorre com o casal americano no Marrocos. Iñárritu resume a história do filme como uma série de pequenos atos que desencadeiam grandes tragédias. E, fora da ficção, o ser humano está disposto a cometer esses deslizes a todo o momento.

Aqui o ato que causa o acidente é resultado da inocência dos garotos. Como o caso de Amélia, que leva as crianças para o outro lado da fronteira, resultado da ignorância. Então, esses atos não se originam da maldade ou de uma decisão divina, da tragédia, no sentido grego da palavra tragédia. Em *Babel*, um japonês presenteia sua arma a um guia turístico, isso é um ato de bondade. Mais que acidentes, são decisões que determinam os personagens. (IÑÁRRITU, em entrevista publicada no site Omelete, 2006⁸)

Babel, diferentemente de *Crash*, trata da questão do multiculturalismo em escala global. Iñárritu desloca os ocidentais para outras culturas e explora as consequências disso. O pai da japonesa Chieko, Yasujiro, é quem presenteia o marroquino Hassan (Abdelkader Bara) com o rifle que será vendido para o pai dos garotos e causará a tragédia. Chieko aparece como vítima de um caos urbano, sentindo-se solitária e incompreendida dentro daquele turbilhão de estímulos. O diretor explica que a intenção do filme é passar a realidade do ser humano que vivencia diariamente os problemas da modernidade (uma estrutura física e social conflituosa).

⁸ <http://omelete.com.br/cinema/omelete-entrevista-alejandro-gonzalez-inarritu-diretor-de-babel/>. Acesso em 05 nov. de 2010.



Esse aspecto se conecta com o que Featherstone (1995) diz sobre o processo de globalização que, ao contrário do que se possa pensar a respeito, não produz uniformidade cultural, mas sim a consciência sobre os novos níveis de diversidade no mundo, o que não significa necessariamente maior aceitação da diversidade. Se há uma cultura global, ela deve ser entendida não como uma cultura comum, mas como um campo de manifestação das diferenças, conflitos e disputas por prestígio social. O promotor branco Rick Cabot é um exemplo disso, já que, para manter as aparências, tenta de todas as formas fazer uma política de bom relacionamento com os grupos que geralmente são vítimas de preconceito.

De acordo com Semprini (1997), os Estados Unidos, desde a sua construção, convivem com a questão da miscigenação, seja pela dizimação dos índios, com a chegada dos anglo-saxões, pela chegada em massa dos imigrantes, que povoaram e ainda chegam ao país em grande quantidade, e dos negros africanos, que lá chegaram como escravos, passaram por um período de franca segregação e ainda hoje são hostilizados.

O filme denuncia o preconceito, que na maior parte das vezes é velado, o que pode ser ilustrado pela afirmação feita por um assistente branco do promotor Rick, acerca de episódios criminosos envolvendo negros.

Malditos negros. Quero dizer, sei de todas as razões sociológicas para que os negros sejam presos oito vezes mais do que os brancos. Escolas ruins, falta de oportunidade, preconceito no sistema judicial, essas coisas todas. Mesmo assim, os negros se tornam pessoas intuitivas. Eles estão sempre metidos em encrenca. Sabemos que isso não é verdade. Mas é como sempre acontece, não? (CRASH, 2004, 68'19'')

Outra história que concentra essa discussão é a do policial John Ryan. O oficial norte-americano branco, de classe média baixa cuida do pai doente e carrega um forte sentimento de discriminação contra os negros. Na primeira sequência em que aparece, Ryan discute por telefone com a funcionária do plano de saúde. Ele tenta negociar uma cirurgia para o pai, mas a mulher que o atende diz que não é possível resolver o problema. Assim, o policial pergunta o nome da mulher e quando ela diz que se chama Shaniqua, nome de origem africana, Ryan diz ironicamente “Mas que grande surpresa!”.



Outro comportamento preconceituoso de Ryan acontece durante uma abordagem policial que ele e seu parceiro realizam em Los Angeles. No veículo parado pelos policiais estão o diretor de TV Cameron e sua esposa Christine, um casal negro bem sucedido economicamente. Ryan pede os documentos, orienta Cameron a descer do carro e faz um teste para comprovar que ele não estava alcoolizado, mesmo sob protestos da mulher, que afirma que o marido não havia bebido. Assim, ela sai do carro, desafiando o policial que a segura pelo braço e inicia uma revista, tocando suas partes íntimas. A cena é uma das mais intensas e provocadoras do filme, já que transmite ao espectador como o abuso de poder e o preconceito podem causar constrangimento e humilhação.

Ryan representa todo o sentimento de preconceito que muitos sentem ou sofrem. É um personagem ambíguo, branco e pobre, que cuida sozinho do pai doente e enfrenta as dificuldades do sistema de saúde norte-americano, mas pratica o preconceito contra os negros. O policial fala sobre a origem do seu racismo com Shaniqua, explicando que o pai doente era dono de uma empresa que empregou negros, mas que foi fechada pela prefeitura por dar preferência a empresas pertencentes a minorias étnicas. Com isso, o pai de Ryan perdeu tudo. Ao mesmo tempo, apela para a identidade entre os desassistidos do país, negros e brancos pobres, unidos momentaneamente, e culpa os negros pela sua situação.

Expressando a complexidade da situação multicultural contemporânea, o policial justifica seu preconceito se colocando como vítima “do sistema”. Assim como descreve Semprini (1997), o sonho americano de igualdade e oportunidades para todos, começa a ser questionado pela população de classe média que vê a diminuição de seus lucros e benefícios, já que passam a competir com os outros grupos e etnias.

Para Semprini (1997), apesar da ideologia de igualdade e respeito à diversidade pregada pelo governo americano, a realidade atesta a fragilidade dessa proposta, obrigando à revisão do conceito de multiculturalismo e o uso de uma nova ferramenta conceitual, a ideia de interculturalidade, (Canclini,2009; Candau,2008; Martín-Barbero,2009), que remete ao que efetivamente acontece quando grupos se encontram em relações e intercâmbios, evitando-se idealizações da situação multicultural.

Diversidade deixou, então, de significar a mera afirmação da “pluralidade” [...] para passar a significar ao mesmo tempo “alteridade” e interculturalidade. A alteridade indica agora o claro desafio das culturas diferentes da hegemônica, do Oriente ao Ocidente, do islã ao cristianismo, das étnicas e locais às nacionais. [...] a alteridade evidencia que não pode haver uma relação profunda entre as culturas sem que ocorram conflitos em sua dinâmica. “Reconhecer” as demais culturas é impossível sem assumir o profundo vínculo da “diferença” com a desigualdade social e a discriminação política, ou seja, colocando em primeiro plano a indispensável ligação entre direitos culturais e sociais. (MARTÍN-BARBERO, 2009, p.154)

O que pode ser observado em *Crash* são os processos de aculturação que resultam dos contatos entre imigrantes e os nativos do país receptor, assim como entre as várias etnias dos imigrantes que passam a viver num mesmo país. Além disso, há a intolerância interna aos EUA, que dificulta o convívio entre brancos e negros, por exemplo, abrangendo também a relação entre americanos e mexicanos, representada em *Babel* pela mexicana Amélia cuja trajetória retrata a vida de milhares de mexicanos que vivem ilegalmente nos Estados Unidos e atravessam a fronteira em busca de melhores condições de trabalho e sustento. Após 16 anos trabalhando como babá, Amélia se vê em uma situação complicada, quando tem que ir ao México para o casamento do filho Luis (Robert 'Bernie' Esquivel) na mesma época em que ocorre o acidente com Susan no Marrocos e não há com quem deixar as crianças, decidindo, assim, atravessar a fronteira levando-os consigo.

Em *Babel*, a babá Amélia passa pela fronteira dos Estados Unidos com o México, entrando sem problemas com as crianças americanas, que rapidamente se integram com as crianças mexicanas, transpondo as diferenças. Porém na volta, são parados pelo policial da fronteira. Santiago, o sobrinho de Amélia que dirige o carro e está um pouco embriagado, discute com o policial que o questiona sobre a carta de permissão dos pais de Debbie e Mike. Santiago arranca o carro e foge pelo deserto, pois Amélia não possui a autorização dos pais para viajar com os meninos. Além disso, ela e o sobrinho são ilegais. Santiago deixa Amélia com os meninos no deserto para despistar a polícia. Entretanto, a mexicana passa o resto da noite e metade do dia esperando, até que deixa Debbie e Mike e sai pelo deserto em busca de ajuda. Amélia encontra uma viatura da polícia na estrada e pede socorro. A mulher é levada a uma delegacia e acaba sendo deportada para o México.



Iñárritu discorre sobre a questão tratada no filme, dizendo que “Para eles (EUA) os mexicanos são uma praga, mas o que seria deles sem os mexicanos?” (IÑÁRRITU, em entrevista ao site Omelete, 2006). Para Canclini (2009) os mexicanos movimentam a economia dos Estados Unidos e disseminam a cultura americana para seu país de origem, já que até 2006 foram enviados ao México 25 bilhões de dólares, incluindo roupas da moda e produtos da indústria musical. O imigrante, em contrapartida, leva consigo os símbolos de sua cultura e os passa adiante, como faz Amélia, por exemplo, quando conversa com os meninos em espanhol.

No final de *Crash*, uma briga de trânsito na caótica cidade de Los Angeles, entre uma afro-americana e um latino, mostra os absurdos de uma sociedade globalizada que, segundo a ideia de Canclini (2009), não consegue estabelecer uma convivência pacífica em meio às diferenças étnicas e culturais; ao contrário, as desigualdades continuam a servir como pretexto para a exploração humana. O coreano Choi Jin Gui representa no filme os casos de tráfico de pessoas que acontecem até os dias de hoje. No passado, a escravidão dos negros africanos ajudou a povoar e a construir os países do continente americano. Os Estados Unidos, por sua vez, situam-se entre esses países que, de acordo com Semprini (1997), tiveram, desde o início, não só imigrantes, mas escravos, vindos da África, que ajudaram a compor o cenário multicultural das nações. Em *Crash*, Choi Jin Gui é responsável pelo contrabando de asiáticos. Homens, mulheres e até crianças são submetidos a trabalhos forçados, às vezes em troca de apenas um prato de comida.

Contudo, *Babel* consegue mostrar que a solidariedade persiste em alguns lugares do mundo. A falta de entendimento entre pessoas que falam a mesma língua e compartilham de culturas semelhantes nos ambientes urbanos é surpreendentemente contrária ao ato do guia do ônibus turístico em que estão Richard e Susan e de outros cidadãos marroquinos em relação ao casal americano. O guia Anwar, além de disponibilizar sua casa para a mulher ferida, não aceita o dinheiro que Richard lhe oferece como pagamento pelas despesas. A cena, que usa de recursos técnicos dramáticos para fortalecer a sequência, acontece em meio a muitos olhares vindos de moradores do local e autoridades. Somente uma música ao fundo e o vento produzido pela hélice do helicóptero compõem o cenário quando Richard abraça o guia e retira o dinheiro da carteira. Mesmo admitindo a falta de condições financeiras, Anwar recusa a oferta do americano.



Interculturalidade e a narrativa cinematográfica

As histórias de *Babel* e *Crash*, ambientadas no século XXI, retratam com plausibilidade a real situação do mundo globalizado. Os filmes apresentam as especificidades de uma modernidade que com seus freqüentes estímulos, crescente tecnologia e multiculturalismo levam a sociedade a um estado de caos diário, causando a crise de identidade dos indivíduos e o conflito com as diferenças. Os recursos cinematográficos como a montagem, feita de forma fragmentada nos filmes, foram utilizadas para representar o instante, oferecendo um retrato da modernidade. (Charney, 2004).

Como elemento nascido da modernidade, o cinema passou a ser um espelho das transformações ocorridas na sociedade da época (CHARNEY; SCHWARTZ, 2004). Ribeiro (2005) completa, assegurando que o cinema surge para dar ênfase a um novo tipo de linguagem, social e cultural, que nascia com o mundo moderno. *Babel* e *Crash* trazem à tona um tema presente nas sociedades e que vem suscitando profundas discussões: a interculturalidade. Caracterizada como um processo que surgiu a partir dos deslocamentos humanos fortalecidos pelo processo de globalização, ela é usada por cineastas como um meio de renovação do pensamento e de reflexão sobre a sociedade contemporânea (MOURA, 2010).

A interculturalidade no cinema tenta traduzir em imagens a experiência de viver entre duas ou mais culturas e sociedades diferentes, que concebem novas formas de pensar e de conhecimento. É um cinema compartilhado por pessoas que sofreram o deslocamento e que viveram modos híbridos e para quem a representação do cinema convencional – o cinema clássico – não é suficiente. [...] *A principal característica do cinema multicultural é a de explorar, de uma maneira original, as técnicas cinematográficas sobre temas e narrativas (roteiros)* (Grifo nosso). (MOURA, 2010, p. 45)

As narrativas das películas aqui analisadas oferecem semelhanças que enfatizam a ideia da modernidade e do mundo globalizado, através da estrutura dos filmes. Construídos em um estilo episódico, os filmes apresentam narrativas fragmentadas, nas quais diversas histórias são contadas separadamente, mantendo, entretanto, um fio lógico que as une. A questão da fragmentação é uma alternativa que transforma o roteiro dos filmes em uma representação da realidade atual.



O indivíduo, como explica Hall (2001), desde o nascimento da modernidade no século XVI, constrói sua personalidade a partir da diversidade de estímulos, seja por parte de novos inventos tecnológicos, do crescente nível de informações ou por contato com novas culturas. Assim, sua própria identidade se fragmenta, face à profusão de referências e possibilidades. O diretor Iñárritu, em entrevista ao jornalista Mário Abbade para o site brasileiro Omelete⁹, em 2006, atesta e incorpora a teoria do bombardeio de estímulos, mencionada também por Singer (2004, p.96), no roteiro do filme:

Eu tenho uma teoria que o cinema é uma experiência emocional fragmentada. São cenas que se filmam independentemente, às vezes com meses de distância, e que uma vez juntas podem criar uma emoção porque nosso cérebro une as informações entre uma cena e outra. E essa emoção fragmentada para mim é fascinante, única. No teatro não podemos fazer isso. Geralmente eu faço várias coisas ao mesmo tempo: falo ao telefone com minha irmã, vejo as notícias na TV, escrevo um bilhete. Essa fragmentação que nós vivemos, para mim, é a maneira de narrar as histórias como faço. É algo perfeitamente natural.

A estrutura narrativa fragmentada é articulada pela unidade de lugar em *Crash* e pela unidade de tempo em *Babel*, divergindo da estrutura clássica, a de ação, que conta com um personagem central, e na qual a busca do personagem pelo seu objetivo faz com que a história siga o personagem até a sua meta.

Em *Crash*, há um local (Los Angeles) em que a ação se concentra e o público participa do desenrolar de várias histórias entrelaçadas, dispensando um personagem central. Já em *Babel*, a unidade de tempo faz com que um único acontecimento se torne o foco da história (o tiro que atinge Susan). Assim, são concebidas diferentes visões e ações dos personagens a respeito daquele acontecimento. Howard e Mabley (1996) lembram que essas unidades são opções ainda pouco usadas pelos roteiristas.

Com a estrutura fragmentada de *Crash* é possível que a trama não tenha somente um personagem central. Cada um dos participantes é protagonista de sua história. Cada um com sua particularidade e problemas. O espectador, então, tem a possibilidade de se envolver e se reconhecer naquele papel. A produtora Cathy Schulman, em entrevista de

⁹ <http://omelete.com.br/cinema/omelete-entrevista-alejandrogonzalez-inarritu-diretor-de-babel/>. Acesso em 05 nov. de 2010.



bastidores do conteúdo extra do DVD, endossa essa perspectiva explicando que não há uma pretensão de cura da sociedade, mas sim uma possibilidade de questionamento. “Você irá se pegar questionando: ‘Isso é sobre mim? A pessoa ao meu lado? Sobre alguém que não conheço?’” (CRASH, 2004, bônus do DVD, 09’14’)

A narrativa de *Crash* é construída a partir do encontro dos diferentes núcleos que existem na história. Em *Babel* e *Crash* há uma ruptura quanto ao estilo clássico da divisão em três atos que, segundo Howard e Mabley (1996), é um método clássico usado por escritores de cinema para dividir uma história e organizar as ideias a respeito do enredo. No primeiro ato são apresentados os personagens e qual a situação da história toda, no segundo ato acontece a progressão dessa situação para o ponto de conflito e no terceiro ato se tem a solução desses conflitos.

Mesmo cumprindo com a tarefa de finalizar a trama de cada personagem dentro da história que ali é contada, o espectador fica com a angústia derivada das incertezas sobre o desenrolar da vida de cada um que teve seu drama apresentado, já que as situações expostas são repletas de plausibilidade, possíveis de acontecer na vida de cada um que as assiste.

CONCLUSÃO

O mundo contemporâneo, ainda conserva sentimentos do início da era moderna. Como ressalta Ben Singer (2004), um universo cheio de bombardeios de impressões, choques e sobressaltos. O que poderia ser resolvido em poucos minutos, a partir de uma conversa, acaba transformando-se em catástrofes mundiais, muitas vezes movidas pelo etnocentrismo e pela falta de tolerância.

A estrutura narrativa dos filmes *Babel* e *Crash* apóiam-se basicamente em uma característica da modernidade: a fragmentação. Essa fragmentação é uma estratégia que espalha os pontos narrativos em muitas direções ao mesmo tempo, para transmitir ao espectador a sensação da heterogeneidade da vida contemporânea.

A globalização, ao aproximar nações e culturas, provoca não só o “espetáculo da diversidade cultural”; conforme exposto nos filmes, a convivência harmoniosa entre



etnias parece muito mais problemática do que os defensores do multiculturalismo acreditam. As obras mostram que a real necessidade desse mundo globalizado é criar possibilidades reais e justas para o exercício das diferenças culturais, além da promoção do encontro de culturas, proporcionando um encontro entre as ideias, uma vez que as desigualdades, preconceitos e conflitos políticos, sociais e econômicos se mantêm explícitos ou velados. O multiculturalismo, se reduzido apenas à constatação da diversidade, parece ineficaz para a transposição dos preconceitos e a criação de possibilidades de convívio pacífico entre os diferentes.

No que diz respeito à cultura contemporânea, a questão central a ser discutida é qual a melhor maneira de promover a conversa entre as diferentes etnias, já que as relações multiculturais continuarão acontecendo e se ampliando a cada dia. O cinema parece ser um dos instrumentos nesse sentido.

REFERÊNCIAS

CANCLINI, Néstor García. Diversidade e direitos na interculturalidade global. *Revista Observatório Itaú Cultural*, São Paulo, OIC – n. 8, p. 143 - 151, abr./jul. 2009.

CANDAU, Vera Maria. Direitos humanos, educação e interculturalidade: as tensões entre igualdade e diferença. *Revista Brasileira de Educação Online*, Rio de Janeiro, v.13, n.37, p.45-56, jan./abr. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v13n37/05.pdf>> Acesso em: 21 set. 2010.

CHARNEY, Leo; SCHWARTZ, Vanessa R. (org.). *O cinema e a invenção da vida moderna*. Tradução de Regina Thompson. 2. ed. rev. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

CHARNEY, Leo. Num instante: o cinema e a filosofia da modernidade. In: CHARNEY, Leo; SCHWARTZ, Vanessa R. (org.). *O cinema e a invenção da vida moderna*. 2. ed. rev. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

ECONOMIST, The. Soy latino, americano. Traduzido e publicado pela revista *Carta Capital*, São Paulo, n. 614, p. 70-73, set. 2010.

EAGLETON, Terry. *A ideia de cultura*. Tradução de Sandra Castello Branco. São Paulo: UNESP, 2005.

FEATHERSTONE, Mike. *Cultura de consumo e pós-modernismo*. Tradução de Júlio Assis Simões. São Paulo: Studio Nobel, 1995. A globalização da complexidade. Disponível em:



<http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_32/rbcs32_07.htm>. Acesso em: 21 set. de 2010.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 5. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

HOWARD, David; MABLEY, Edward. *Teoria e prática do roteiro*. Tradução de Beth Vieira. São Paulo: Globo, 1996.

HUNTINGTON, Samuel P. *O choque de civilizações; e a Recomposição da Ordem Mundial*. Tradução de M. H. C. Côrtes. Rio de Janeiro: Objetiva, 1996.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Desafios políticos da diversidade. *Revista Observatório Itaú Cultural*, São Paulo, OIC – n. 8, p. 153-159, abr./jul. 2009.

RIBEIRO, José da Silva. Antropologia visual, práticas antigas e novas perspectivas de investigação. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v.48, n.2, jul./dez. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S003477012005000200007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 01 nov. 2010.

SEMPRINI, Andrea. *Multiculturalismo*. Tradução de Laureano Pelegrin. São Paulo: EDUSC, 1997.

SINGER, Ben. Modernidade, hiperestímulo e o início do sensacionalismo popular. In: CHARNEY, Leo; SCHWARTZ, Vanessa R. (org.). *O cinema e a invenção da vida moderna*. 2. ed. rev. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

FILMES

BABEL. Direção: Alejandro González Iñárritu. Produção: Anonymous Content, Zeta Film, Central Films. Intérpretes: Adriana Barraza, Boubker Ait El Caid, Said Tarchani, Brad Pitt, Cate Blanchett, Gael García Bernal, Mohamed Akhzam, Rinko Kikuchi. Roteiro: Guillermo Arriaga. Estados Unidos, México, Japão, Marrocos: Paramount Pictures e Paramount Vantage, 2006. DVD (143 min.), som Dolby Digital, cor, legendado.

CRASH – No limite. Direção: Paul Haggis. Produção: Blackfriars Bridge Films, Harris Company, ApolloProScreen Filmproduktion, Bull's Eye Entertainment. Intérpretes: Sandra Bullock, Brendan Fraser, Matt Dillon, Don Cheadle, Ryan Phillippe, Thandie Newton. Roteiro: Bob Moresco. Estados Unidos: Lions Gate Films, DEJ Productions e Bob Yari Productions, 2004. DVD (112 min.), som Dolby Digital, cor, legendado.